

BC nega ataque especulativo

Gustavo Franco é taxativo ao descartar a hipótese de ter havido um ataque especulativo contra o real. "Uma coisa é navegar em mares revoltos, a outra é ficar levando tiros", diferencia. Na semana passada, acredita, o Brasil navegou em mares revoltos. Ele assegura que a crise veio de fora e teve origem na Ásia. Na etapa seguinte, segundo sua avaliação, aconteceu o que ninguém imaginava, nem mesmo os investidores mais ousados. Uma queda simultânea de ativos de renda variável e de renda fixa. Ou seja, ações e títulos de dívida externa, por exemplo — mais especificamente os bradies, títulos de países que renegociaram, com redução, as suas dívidas. Numa análise mais rápida foi isso o que aconteceu.

Assim, um investidor que estava em um país precisou se desfazer de

ativos em outro mercado para cobrir os seus prejuízos. Por exemplo, os bancos brasileiros no Exterior, exatamente aqueles que têm política de investimento mais agressiva, precisaram de dinheiro e começaram a

se desfazer de ativos no Brasil, de acordo com as informações que circularam na praça de Nova York. Este é um dado que Franco prefere não comentar. Em paralelo, com os juros internos baixos, ficou atrativo tomar recursos no país e com-

prar títulos no exterior. O resultado foi um forte pressão no câmbio e uma sangria das reservas. Para estancar o movimento, os juros tiveram que ser elevados.

De imediato, o presidente do Banco Central sabe que, se há duas semanas considerava bom o momento para novas emissões de papéis brasileiros no exterior, agora terá que esperar. Tanto as empresas privadas como também o governo. Mas nem todos os resultados da crise são negativos. "As contas externas vão melhorar", diz ele apostando que o fluxo de capital para o País não sofrerá qualquer retração. Pelo contrário, deve aumentar por causa da elevação dos juros internos. Com isso, o País terá mais folga para financiar o déficit em transações correntes, um dos calos do governo. Outro impac-

to? Vai melhorar também o desempenho da balança comercial. Isso porque, com os juros altos, o exportador poderá contratar o financiamento no Exterior e aproveitar o diferencial de taxas. "Aumenta a rentabilidade do

EMISSÕES NO
EXTERIOR TERÃO
QUE ESPERAR,
DIZ FRANCO

exportador", diz ele.

Ainda no rastro de toda a crise, Franco acredita numa maior rapidez pela aprovação das reformas no Congresso. Com elas, o Brasil terá mais condições de se afastar das crises internacionais.